

Eco do Passado

Análise crítica do filme “Alfaiates de Marília” (2010)

Thales Martim Coutinho



O vídeo “Alfaiates de Marília” (Praxis vídeo, 25 min) nos apresenta as histórias de vida e suas visões sobre sua profissão de 5 alfaiates membros da “Associação dos Alfaiates de Marília”, apesar de serem diferentes indivíduos, nascidos em cidades diferentes e com trajetórias ligeiramente distintas, é possível identificar semelhanças em suas perspectivas sobre a profissão na atualidade e no passado, além de semelhanças em sua história de vida de forma mais abrangente.

A primeira semelhança apresentada entre a carreira dos diferentes alfaiates é que todos iniciaram a profissão muito jovens, entre 11 e 16 anos, ganhando salários praticamente inexistentes, recebendo 5 reais por semana de trabalho, quando se ganhava, em que basicamente trabalhavam de graça para aprender o ofício, como alega um dos

Cine Trabalho

entrevistados “não ganhava nada, para juntar dinheiro nesta época entregava jornal as 5:30 da manhã”, os jovens que começavam nesta profissão recebiam tarefas simples, geralmente relacionadas a limpeza e entregas, pouco a pouco, eram ensinados e recebiam tarefas cada vez mais complexas, sendo um aprendizado que um dos entrevistados intitula como “aprendizado natural”, alguns que já tinham outros alfaiates ou costureiros na família recebiam os ensinamentos básicos em casa, mas grande parte dos alfaiates começavam seu aprendizado aos poucos, como uma forma de salário pelos serviços prestados, uma relação semelhante a mestres e aprendizes presentes desde a idade média nas oficinas de mestres artesões anteriores a indústria moderna.

Outra grande semelhança que se destaca nos relatos dos alfaiates é que, em vários casos, em algum momento da carreira, foram até a capital, São Paulo, na busca de melhores condições de trabalho, em alguns casos passaram décadas trabalhando por lá, mas em todos os casos retornaram para Marília, alguns alegando que retornaram por motivos familiares, porque boa parte da família se encontrava aqui, em outros casos porque aqui se encontravam múltiplas alfaiatarias, e pelos relatos era uma boa cidade para se trabalhar nesta função, pela grande número de estabelecimentos e demanda por trabalho, com alguns dos entrevistados tendo nascido em outras cidades do interior paulista e até mesmo de outros estados mas vindo para Marília exercer a profissão.

Em quase toda sua totalidade os entrevistados apenas trabalharam como alfaiates durante toda a sua vida, sendo que todos tinham mais de 40 anos de profissão e tinham idades entre 60 e 80 anos, as únicas exceções apresentadas foram o entrevistado que entregou jornal durante a juventude como mencionado, e outro que por um breve período antes da alfaiataria trabalhou como engraxate, porém não obteve êxito nesta função, de forma que todos começaram a trabalhar cedo como alfaiates e só trabalharam com ela, formando um laço de identidade com sua função, vendo o trabalho de alfaiate não apenas como uma profissão, mas como uma forma de arte, da qual se orgulham muito, não apenas de si, mas dos demais colegas de profissão, inclusive relacionando o trabalho de alfaiate com outras formas de arte, como um dos entrevistados que se orgulha de ser cantor tendo um trecho do vídeo em que este canta em um casamento e afirma com igual orgulho: “tem alfaiate que é pintor de quadro [...] tem outro que é escritor de livro”.

Este laço de identidade entre os alfaiates e sua função faz com que, aparentemente, seu relacionamento enquanto classe seja bastante forte, nos relatos

apresentados em nenhum momento é demonstrada grande concorrência ou competição entre os alfaiates, com um dos entrevistados se referindo aos antigos colegas de serviço como “turminha boa lá” quando falava da alfaiataria em que trabalhou na juventude, outro afirmando que “os alfaiates eram bem unidos [...] trabalhávamos em conjunto, todo mundo se dava bem, não havia discórdia, não havia nada, era alegria total”, talvez estes relatos sejam uma idealização dos bons tempos de profissão, ou então sejam causados pela abundância de serviços disponíveis no período, de forma que não havia necessidade de concorrer por trabalho, com os relatos sendo unânimes em que “se trabalhava de dia até de noite” e que a abundância de serviço era tal, que atrasos eram corriqueiros ao ponto de um dos entrevistados contar que entregou o palito de um noivo pouco tempo antes do casamento e foi fazendo os ajustes finais no caminho, no entanto mesmo levando isto em conta evidentemente o relacionamento entre alfaiates era mais saudável do que o apresentado em diversas profissões.

Ainda discutindo as relações entre alfaiates é interessante como as entrevistas demonstram com bastante clareza a divisão social do trabalho presente dentro da alfaiataria, não apenas demonstrando a divisão do trabalho quanto a idade com os mais jovens e inexperientes responsáveis por funções mais simples, como também uma divisão quanto a especialidades, sendo o trabalho dos alfaiates divididas em múltiplas funções como: calceiros, oficiais de palito, cortadores, contramestre entre outros, funções entregues a cada trabalhador de acordo com as funções que desempenha com maior eficiência, se especializando de acordo com suas aptidões de forma bastante semelhante a descrita por Marx¹ quando este descreve as “manufaturas heterogenias”, em que além de as funções são atribuídas a cada funcionário dependendo de quais ele executa com maior competência os diferentes trabalhadores não estão diretamente interligados em uma linha de montagem, como ocorre na grande indústria, intitulada neste caso de “manufatura orgânica”, na alfaiataria o cortador manda o tecido cortado ao calceiro ou ao oficial de palito na forma de remessas esporádicas, e não de foram continua, se diferenciando assim da grande indústria e seu modelo de manufatura.

¹ MARX, K. **Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultura, 1996. (Livro 1: Seção IV: Capítulo 12).

Em verdade uma das características mais evidentes nas entrevistas sobre como se organizava uma alfaiataria era sua distância da organização da grande indústria, sendo evidente que as alfaiatarias são expansões de negócios familiares, com alguns deles afirmando que trabalharam em alfaiatarias até que juntassem o capital necessário para que criassem a própria alfaiataria, em verdade a distinção de onde termina a relação profissional na alfaiataria e a familiar beira o inexistente, já que muitos em seu discurso apontam a alfaiataria como alicerce e fundação de suas famílias, no entanto o relato que dá maior destaque para a precariedade das alfaiatarias em relação a grande indústria é um em que o entrevistado diz que após ser contratado por uma nova alfaiataria onde o dono, chamado de “seu Horácio”, figura por que o entrevistado demonstra apressado e afirma que foi um grande responsável por sua formação, pedia para que ele “levasse uma cadeira, pois faltava cadeira lá”, demonstrando a simplicidade e a falta de estrutura nas alfaiatarias.

Mas apesar de falarem com nostalgia e gosto de tempos passados quando o assunto é a atuação na área na atualidade a situação não é vista com bons olhos, é de se esperar que, com a transição do capitalismo industrial para o capitalismo tardio como apontado por Kumar², as alfaiatarias perdessem clientela para as grandes lojas de varejo e para as roupas produzidas em escala industrial em marcas, modelos e tamanhos distintos, no entanto, surpreendentemente, não é a falta de trabalho que mais aflige os alfaiates na atualidade, apesar de ficar bastante evidente que na década de 40 e 50 havia muito mais trabalho disponível aos alfaiates, estes não reclamam das atuais condições financeiras, afirmando que conseguem se sustentar com os serviços que recebem, no entanto o que mais entristece os entrevistados é a perda de prestígio e do orgulho na profissão, sendo obrigados a se sujeitar a trabalhos que não se aceitava antigamente como em um dos relatos “gostaria de tá fazendo terno todo dia [...] sou obrigado a fazer barrinha, mexer com jeans, mexer com outras coisas que o alfaiate não admitia fazer” fazendo com que muitos hoje se sustentem basicamente de concertos e reformas, e não produzam novas peças com frequência, trabalho que realizam com orgulho por verem como uma forma de arte.

² Kumar, K. **Da sociedade pós-industrial a pós-modernidade: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**, Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Cine Trabalho

No entanto, a principal razão que entristece os alfaiates é a ausência de jovens entrando na profissão, ficando evidente que a atividade que tanto amam deixara de existir em um futuro próximo, já que eles entraram na profissão muito jovens e, sendo uma atividade laboriosa, que exige anos de aprendizado, sem jovens trabalhando em alfaiatarias sua reprodução e manutenção é impossível, fazendo com que esta atividade, que é parte constituinte de suas identidades, morra com o último deles; um eco do passado que por hora ainda persiste, lembrando de um período em que cada peça de roupa era única, cuidadosamente confeccionada por um alfaiate de confiança, e não simplesmente comprada uma dentre milhões em uma loja de varejo, e que está entre um dia para o outro das profissões como acendedores de lampião ou datilógrafos, profissões que um dia fora indispensáveis para um modo de vida e que hoje poucos compreendem para que serviam.